

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

**A ARTE DE VIVER O VOO DO PASSARINHO: EXPERIMENTAÇÕES
ESTÉTICAS ATIVADAS PELAS HISTÓRIAS DE MALALA, ANNE FRANK E
FRIDA KAHLO COM AS MENINAS DA CASA DA MENINA (BAGÉ/RS)**

DÉBORA DO COUTO PEREIRA

BAGÉ

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

**A ARTE DE VIVER O VOO DO PASSARINHO: EXPERIMENTAÇÕES
ESTÉTICAS ATIVADAS PELAS HISTÓRIAS DE MALALA, ANNE FRANK E
FRIDA KAHLO COM AS MENINAS DA CASA DA MENINA (BAGÉ/RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa para a obtenção do Título Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulce Mari da Silva Voss

**BAGÉ
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P436a Pereira, Débora do Couto

A arte de viver o voo do passarinho: experimentações
estéticas ativadas pelas histórias de Malala, Anne Frank e
Frida Kahlo com as meninas da Casa da Menina (Bagé/RS) /
Débora do Couto Pereira.

53 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2019.

"Orientação: Dulce Mari da Silva Voss".

1. Ensino. 2. Linguagem. 3. Literatura. 4. Cartografia. 5.
Devir-mulher. I. Título.

DÉBORA DO COUTO PEREIRA

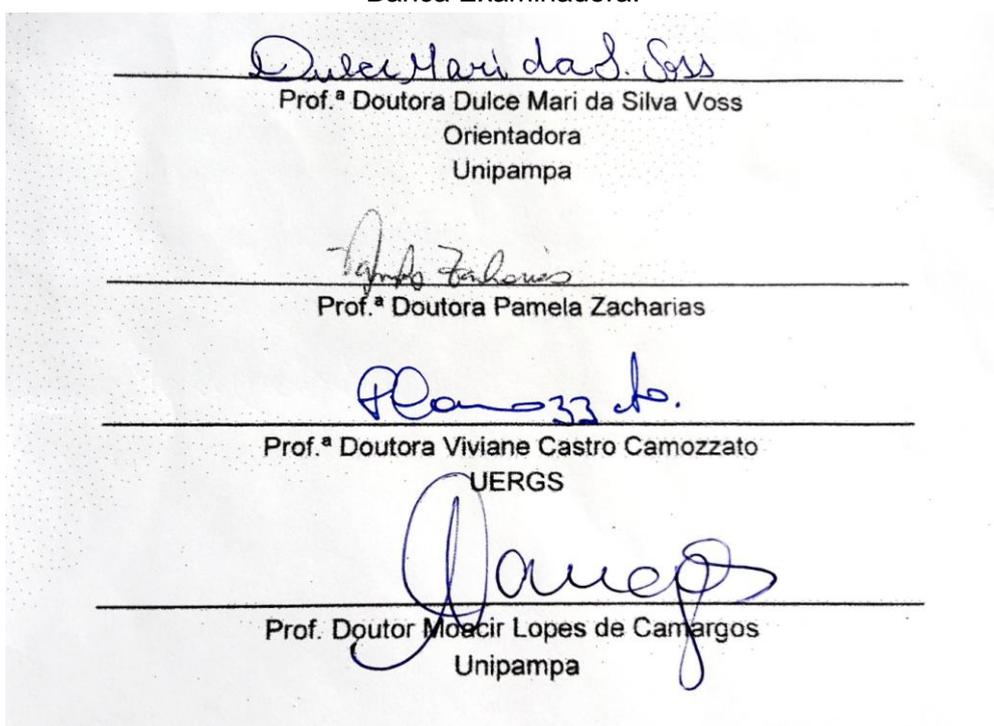
**A ARTE DE VIVER O VOO DO PASSARINHO: EXPERIMENTAÇÕES
ESTÉTICAS ATIVADAS PELAS HISTÓRIAS DE MALALA, ANNE FRANK E
FRIDA KAHLO COM AS MENINAS DA CASA DA MENINA (BAGÉ/RS)**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino Mestrado
Acadêmico da Universidade Federal
do Pampa para a obtenção do Título
Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulce Mari
da Silva Voss

Dissertação de Mestrado defendido e aprovado em: 07 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:



Dedico este trabalho a quem “rizomaticamente” (me) enxerga.

AGRADECIMENTO

À Professora Dulce, incansável, insistente e determinada orientadora. Não desisti de mim um segundo se quer.

Ao Grupo de Pesquisa Philos Sophias, espaço possibilitador de crescimento.

Às amigas e colegas, Caroline e Semíramis, nós sempre nos ajudamos muito, rica parceria formada.

Ao meu companheiro de vida, Eurico, ser humano de grande, habilidosa paciência e cumplicidade.

Aos meus pais e irmão, Clênera, Danilo e Denis, distantes geograficamente desse processo experienciado por mim, mas sempre de uma torcida sem tamanho pelo meu sucesso na vida.

À escola onde trabalho, Fundação Bradesco Bagé, pelos momentos em que me permitiu estar em outros lugares levando minhas produções acadêmicas.

Amo e valorizo a todos!

RESUMO

Este escrito caminhou pelas linhas teóricas de autores pós-estruturalistas como Deleuze, Guattari, Foucault, dialogando com as existências das meninas-mulheres Malala, Anne Frank, Frida Kahlo e as meninas da Casa da Menina, instituição de acolhida a menores de Bagé/RS e enxergando-as como devires-mulher; forças de potência. Com a cartografia como meio à pesquisa, trabalhei com oficinas literárias, estas, compreendidas por mim como linhas de fuga ao ensino e compreensão do que é linguagem.

Palavras-chave: Ensino. Linguagem. Literatura. Cartografia. Devir-mulher.

ABSTRACT

This paper went through the theoretical lines of poststructuralist authors such as Deleuze, Guattari, Foucault, dialoguing with the existences of the Malala, Anne Frank, Frida Kahlo and the girls of the House of the Girl, institution of reception to infants of Bagé / RS and seeing them as becoming woman; power. With cartography as a means to research, I worked with literary workshops, these, understood by me as lines of escape to the teaching and understanding of what is language.

Key-words: Teaching. Language. Literature. Cartography. Devir-woman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia desenhos e textos produzidos pelas meninas.....	35
Figura 2 – Fotografia do ambiente criado pelas meninas.....	40
Figura 3 – Fotografia a mesa da festa de aniversário	42
Figura 4 – Fotografia as tatuagens.....	42
Figura 5 – Fotografia as tatuagens.....	42

SUMÁRIO

1 A ARTE DO VIVER	11
2 ENTRE VOOS E POUSOS; OUTROS TERRITÓRIOS	15
3 "LITERATURAR-SE"!	21
4 SOBRE O VOO DO PASSARINHO	25
5 O MAPA DOS VOOS	29
5.1 Entre voos e pousos; os encontros	33
6 O BELO NO ALÇAR VOO	44
7 VOAR É FINITO?	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	51

1 A ARTE DO VIVER

*Todos esses que aí estão
atravancando meu caminho.
Eles passarão, eu passarinho.*

(Mario Quintana)

As provocantes palavras do “Poeminha do contra”, do grande Mario Quintana, incitam-me a pensar o voo do passarinho como arte do viver, no belo que há em voar, desprender-se, livrar-se e deixar que “eles passem”, seja lá quem for ou forem “os eles”.

A arte desse tornar-se o “eu passarinho” que desprende-se dos que “aí estão atravancando o caminho”, leva a confabular com a noção de coragem da verdade presente nos estudos de Foucault (2010a; 2011). Noção de parresia que, segundo o filósofo, aparece nas práticas políticas da cultura helenística e romana da Antiguidade Clássica, do Cristianismo e do Estado Moderno, e que constituem a relação entre o sujeito e a verdade, ou seja, certas tecnologias de governo de si e dos outros que incitam os sujeitos a dizer-a-verdade sobre si mesmo como forma de condução das condutas para produção de vida social assegurada pela formação de uma ética pessoal e moral coletiva que demarcam as relações políticas. Nisso residiria o papel das instituições sociais, como a família, a escola, as prisões, os quartéis, entre outras. No curso “A coragem da verdade” (1983-1984), Foucault retoma o estudo da noção de parresia para explicar como os modos de dizer-a-verdade estão articulados às técnicas de governamentalidade e as práticas de si, não apenas para produção de sujeitos assujeitados, mas de modo positivo, a parresia trata-se de um falar franco do sujeito que diz o que efetivamente pensa, o que implica certa forma de coragem e um risco assumido por aquele que diz o que pensa frente aos que o ouvem. Portanto, para que a parresia aconteça não basta o sujeito pronunciar sua verdade, é preciso que essa verdade seja recebida e aceita por quem a ouve. É essa coragem da verdade em dizer o que pensa que o parresiasta assume o risco e enfrenta “todos esses aí que estão atravancando o seu caminho”, alçando seu voo.

Penso que Quintana tem muito de Foucault e vice-versa, talvez seja isso que me afeta em ambas as leituras, esse jogar-se às palavras com toda a força de potência. Assim, busco a coragem da verdade no que aqui percebo e afirmo sobre as experimentações vividas por mim ao longo de dois anos de “voos e pousos” no processo de pesquisa de Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Bagé. Esses dizeres do poeta dão vazão às belas formas de vida produzidas com as habitantes da Casa da Menina, em Bagé/RS, ao longo de um substancial tempo que extrapola a marcação temporal desse período em que cursei o Mestrado.

E foi de um voo, de um “eu passarinho”, dessa arte do viver com as meninas da Casa da Menina, dessas experimentações estéticas ativadas, antes em mim, pelas histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo que se constituiu meu território de pesquisa, espaço este que possibilitou muitos “movimentos de saída de si” (KASTRUP, 2007), ou melhor, de saídas de nós, meninas, mulheres enredadas nessas linhas, nesse emaranhado de vidas pulsantes, latentes...

Tais experiências foram tão encarnadas, sentidas na pele, que me remeteram às minhas primeiras inserções na instituição antes mesmo de pensar em produzir uma pesquisa acadêmica naquele território, visto que tudo começou quando fiz meus trinta anos e senti que estava diante de uma nova fase na minha existência. A partir daí comecei a comemorar meus aniversários, meus janeiros, com as meninas da Casa da Menina e faço isso até hoje.

Não saberei explicar esmiuçadamente o porquê de eu ter escolhido fazer isso exatamente nessa idade, do porquê não ter feito antes, enfim, não só trabalho com, mas também vivo de e dos significados, portanto para mim há fábula, há literatura nos trinta e isso me fez ter outros entendimentos desse momento da minha vida. E também, porque acredito que há voos os quais alçamos que não precisamos definir, dissecar ou torná-los inteligíveis aos outros, basta vivê-los.

A partir destas primeiras vivências, através da pesquisa, busquei criar territórios de leitura, alçar voo e ganhar o céu das estruturas institucionais de ensino (escolas onde eu atuo) e pousar na Casa da Menina em Bagé (RS); um lugar de acolhida a crianças e adolescentes do sexo feminino até 18 anos em

situação de risco e vulnerabilidade social, conforme o poder de polícia do Estado¹. Fora do alcance desse poder, convidei as meninas para experimentarem o “eu passarinho” através de momentos intitulados oficinas literárias. Aí, constituímos lindos territórios, experimentamos vivências, as quais foram ativadas por muitas coisas, inclusive pelos percursos de vida de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo, meninas, mulheres de voos altos, pousos intensos, trajetórias pujantes.

Minha escolha pelas histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo deu-se por enxergar nelas mulheres que desbravaram os limites dos ares, do proibido, da inexistência e riscaram os céus de um mundo ainda marcado pelo poder da ordem, da lei, da regra normativa. Elas viveram em tempos diferentes, falaram de lugares distintos, nem mesmo se relacionaram, mas traçaram ambiciosas narrativas da vida real; voos potentes e atemporais.

Isto me instigou a pesquisar suas histórias e compartilhá-las com as meninas da Casa da Menina, movida pelo desejo de criar possibilidades de voos potentes ao experimentar as oficinas literárias. E foi a partir das conversas sobre as histórias de vida de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo, que a cartógrafa dentro de mim desprendeceu-se sem previsibilidade, controle, exatidão ou intenção de ter respostas acabadas, lançando-me ao prazer desses encontros, entre nós mulheres, experimentações do “eu passarinho”, entrecruzando existências afetadas pela alegria em estar junto e desfrutar da companhia de cada uma. Considero que as oficinas literárias ativadas pelas leituras das histórias de Malala, Anne e Frida criaram muitas possibilidades às meninas da Casa da Menina, pois as mesmas alçaram voos tão significativos, envolveram-se em relatos de vidas tão singulares, tão belos, existências tão únicas de transgressão às ordens estabelecidas, às uniformidades culturais vigentes que tornaram nossos dias juntas algo por demais especial.

Os diferentes modos como Malala, Anne e Frida voaram sobre as maldades, crueldades dos seus mundos, possibilitaram às meninas da Casa da Menina vivenciarem os “eu passarinho” dessas audaciosas mulheres da história da humanidade, pois acredito que todas nós, meninas da Casa, Malala,

¹ “Poder de polícia é a faculdade discricionária do Estado de limitar a liberdade individual, ou coletiva, em prol do interesse público” (JUNIOR, 2000, p.549).

Anne, Frida e eu, somos movidas pelos desejos de vivermos outras vidas que não as estabelecidas como “normalidade”, senão os voos não teriam sido tão belos como foram, as intensidades não teriam sido tamanhas e tão singulares; e só foram assim, nessa proporção, porque tais vivências aconteceram naquele pouso, àquela hora, com aquelas pessoas, naquele tempo e espaço.

2 ENTRE VOOS E POUSOS; OUTROS TERRITÓRIOS

Sempre desconfiei de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertos e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um caleidoscópio. Me lembro que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado. Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão. Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras que ele já morreu. E daí? A conversa continua. Com toda a naturalidade. Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

(Mario Quintana)

O que podem ser as “imperturbáveis serenidades” ou estas possibilidades, territórios nesse mapa de voos intensos ativados pelas existências singulares de Malala, Anne, Frida e as meninas da Casa da Menina? Que subversões das “reconstituições suspeitamente lógicas” quero eu, cartógrafa em constantes voos e pousos, traçar nesse rizoma que é existir? Acredito que “conversas com o Tio Juca” são linhas de fuga de um enredo imagéticamente produzido para não enxergar as existências singulares, pois estas existem e vibram vida, não há um abafamento, soterramento, esconderijo, elas existem e ponto. Enxergará quem voar!

A partir das “conversas com o Tio Juca”, especificamente sobre esses discursos que se desprendem do “enredo lógico” é que reflito a linguagem, seus territórios, mapeando pousos potentes ao longo dos demais voos, em função de acreditar que a concepção de língua é intrínseca ao entendimento de mapa ao qual traço com as meninas-mulheres desse escrito, visto que tudo ao qual reflito com/sobre elas é linguagem, é discurso.

Para isso, prefiro começar questionando afinal o que entendemos por linguagem, pois há entendimentos e entendimentos. Academicamente, há uma variedade de autores que conceituam esse campo do conhecimento científico; para Saussure linguagem é expressão do pensamento, um sistema fechado;

para Jakobson é instrumento de comunicação e, na visão de Benveniste, Bakhtin, linguagem é uma forma de interação, um sistema aberto (GNERRE, 1987). Já, nas instituições escolares, “conversas com o Tio Juca”, os “eu passarinho”, são linhas de fuga traçadas no mapa das aprendizagens, pois ainda se preserva um currículo fragmentado, segmentarizado por disciplinas que devem ser ensinadas. Para isso, volto ao meu questionamento inicial e o complemento um pouco mais; quais são as experiências de linguagem que se quer fazer?

No presente estudo, é essa experiência que se pretende analisar. Trata-se de mostrar o que ela veio a se tornar, desde o século XVI, no meio de uma cultura como a nossa: de que maneira, refazendo, como que contra a corrente, o percurso da linguagem tal como foi falada, dos seres naturais, tais como foram percebidos e reunidos, das trocas, tais como foram praticadas, nossa cultura manifestou que havia ordem e que às modalidades dessa ordem deviam as permutas suas leis, os seres vivos sua regularidade, as palavras seu encadeamento e seu valor representativo; que modalidades de ordem foram reconhecidas, colocadas, vinculadas ao espaço e ao tempo, para formar o suporte positivo de conhecimento tais que vão dar na gramática e na filologia, na história natural e na biologia, no estudo das riquezas e na economia política. (FOUCAULT, 1999, p. 12)

Tal reconhecimento de uma ordem natural deu-se, de alguma forma, pela necessidade de categorização quanto ao que é falado e escrito, da explicação em forma quase exata dos movimentos da linguagem, pois como conceber algo sem um controle, uma rigidez em tempos modernos, numéricos? Sim, pois a gramática normativa é fruto de uma visão exata da linguagem, o livro o qual, todos nós, professores de português, nos debruçamos para nos tornarmos “engenheiros da língua”, tendo em vista que precisamos olhar para a “fiação do prédio” chamada língua portuguesa, às plantas e fórmulas da profissão.

Tal olhar sobre a linguagem não é distante da do restante da vida, das existências, das singularidades. Como categorizar existências únicas? Como gramaticalizar a vida? Como engaiolar os passarinhos? Para que voar, sair do garantido, do exato? Estas parecem, em muitos voos, os desejos de quem quer manter as meninas da Casa da Menina como coitadas, pobres órfãs sem lar;

da Malala como uma revoltada às tradições culturais do seu povo, sim, pois no seu país, ela ainda encontra muitas dificuldades; da Anne como uma adolescente rebelde em meio à 2^o Guerra Mundial; e da Frida como uma louca subversiva, de relacionamentos promíscuos. Tudo isto é linguagem, discursos que sobrevoam territórios e que se entrecruzam com os meus e àqueles que se lançaram também a outros percursos, outras percepções de linguagem e existência.

A partir disso, pensemos que o engaiolamento da língua deu-se não só na gramática, mas também em instituições que a normatizaram, por isso, pode-se ler que a escola tem uma árvore plantada na cabeça quando toma para si tal aprisionamento, não compreendendo que o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore, ou seja, “isto que dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 20), necessita de uma raiz, de ter apenas um meio por onde passar os nutrientes para seus galhos (caule).

Tal posicionamento constitui “totalizações, unificações” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 10). Por isso, proponho aqui, pensar de outro modo, por “[...] processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades”, pois estas “[...] são próprias da realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 20), porque o “[...] pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34), mas linhas de fuga em constantes voos e pousos.

Foucault (1999) também nos diz que as palavras e as coisas são irreduzíveis no sentido que àquilo que atribuímos às coisas nos foi dito arbitrariamente, de forma reprodutiva, a qual origem é explicada por meio filológico, ou seja, através da linha do tempo tanto da palavra, quanto da coisa, entrelaçadas uma na outra para que faça sentido no mundo. Essa percepção leva-me a compreender que “todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel”. (FOUCAULT, 1999, p. 66)

Expandindo o pensamento por esse viés de linguagem, são arbitrárias também as situações de repressão vividas tanto por Anne, Frida, Malala quanto as meninas da Casa da Menina, pois as mesmas são nominadas por alguém

(visões de pessoas, instituições), que coloca-se em um lugar distante delas para lhes enxergar como pessoas distorcidas socialmente, tendo em vista Frida e Anne não tiveram como saber a potência de vida que fluiu e flui a partir das suas existências singulares. Pergunto-me também se não é intransigente à realidade o não enxergar das singularidades das meninas de Bagé, sujeitos de grande desprender-se, de voos intensos. Arbitrário para mim é o discurso que se ramifica verticalmente e não compreende seus arredores como possibilidades laterais, como vida pulsante, por não conseguir vê-la assim, pois, como já afirmei aqui, EXISTEM!

Indago, diante de concepções ainda modernas de visão de mundo, como lidar com o movimento da linguagem sem prescrevê-la à norma, ao olhar fixo?

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. Ora, o nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício: permite mostrar com o dedo, quer dizer, fazer passar sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, isto é, ajustá-los comodamente um sobre o outro como se fossem adequados. (FOUCAULT, 1999, p. 25)

Creio que há possibilidades, outros olhares. Pensar a linguagem, a vida, como “árvore” é limitá-la ao seu lugar, imóvel por sua raiz, por sua existência binária que se ramifica para dois lados (galhos e raiz) por meio de apenas um caule. Já, pensá-las como rizoma “é comparável a uma erva daninha” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 29), “não existem pontos ou posições [...] existem somente linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24), pois “um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21) [...] “tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há o pior e o melhor no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22)

Pelo princípio de conexão e heterogeneidade “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.22).

Pensar a linguagem, as singularidades, como rizoma é romper com a segmentaridade do conhecimento, sem começo nem fim, mas como meio, pois a língua e a vida não são binárias, não são imóveis, pelo contrário, estão em constante e ininterrupto movimento,

“faz bulbo [...] evolui por hastes e fluxos subterrâneos, [...] analisa a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23)

A língua e a vida são rizomáticas e não arborescentes; possuem força de potência e não são impotentes; são vivas e não macambúzias e é por isso que na produção das existências é intrínseca a produção da linguagem através de agenciamentos, rupturas, fluxos e movimentos que interferem e modificam estratos, criam linhas de fuga que fabricam processos de desterritorialização pelas quais fogem sem parar (DELEUZE; GUATTARI, 2011 p. 18 a 25).

Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isso que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 26)

Porque não há realidades binárias, o certo e o errado; o dizível e o não dizível; o aceito e o refutado institucionalmente; o padrão e o diverso, o uno e o múltiplo. Até porque a linguagem metamorfoseia-se sócio-historicamente e, com o tempo, o próprio padrão lingüístico exigido por quem a institucionaliza, sofre agenciamentos, criando novos estratos, tornando-se outro padrão, mas que agora aderiu àquilo que não considerava norma anteriormente.

A questão, acredito, não está no meio como as coisas, a linguagem, a vida transformam-se, mas na necessidade cultural da humanidade em padronizar arborescentemente, na tentativa da institucionalização do que é

rizomático, do que não tem forma, não tem controle. A linguagem é uma grama, metaforicamente falando, não sabemos onde começa, nem onde termina, experienciamo-lá, vivemo-lá, mas a todo custo há tentativas inúmeras de enquadrá-la, colocá-la no lugar (se é que há um apenas), normatizá-la, regrá-la através de sua institucionalização.

E assim é com as singularidades da vida, pois através das lentes sobre a linguagem posso refletir que os territórios entrecruzam-se, falam muito uns dos outros e o regramento, aprisionamento do belo torna-se algo fora do previsto, do aceito. Não só a língua, mas também as relações, as existências, são cobiçadas ao controle, às especificações, por quem ou o que socialmente nutre-se disso, do rigor, do previsível.

Mulheres como Malala, Anne, Frida, as meninas da Casa da Menina não são previsíveis, são rizomas que explodem constantemente em linhas de fuga, agenciando outros territórios nos lugares onde estão, nas instituições de ensino onde estudam, nas suas relações em geral, e isso fica muito significativo em um dos diálogos que tive com uma das meninas da casa, a “S”, quando esta se desprende da instituição para ir ao encontro do seu namorado. Ela repensou, refez seu voo e pousou em outro território, provocou outros agenciamentos e voltou para a instituição de acolhimento. Tudo muito bem planejado pela menina. Não estou eu aqui julgando binariamente a atitude da adolescente, mas quero refletir se há como engaiolar os sentimentos, impulsos dela? Há como aprisionar seus desejos, sua linguagem, sua existência?

É jubilar e ainda muito forte a tentativa de controle da relação língua e vida, pois ambas são intrínsecas e os desejos que aprisionam uma, engaiolam os “eu passarinho” da outra também. Enfim, quanto mais escrevo e penso sobre isso, mais me pergunto por quê? Para quê? E as respostas são tão múltiplas quanto os territórios constituídos por essas mesmas indagações.

3 “LITERATURAR-SE”!

O ESPECIALISTA
*Com a intensificação incessante da poluição sonora
 – revelou-me a Sibila de Delfos-
 não está longe o dia em que aparecerão nos jornais
 anúncios como este:
 “Dr Praxedes, especialista em surdificação,
 compromete-se dentro de seis meses a deixá-lo
 imune às descargas automobilísticas,
 aos ruídos infernais do doce lar,
 à música Pop, a determinados programas de TV”.*

(Mario Quintana)

“A única maneira de defender a língua é atacá-la” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.15), por isso, permita-me territorializar minha existência para, quem sabe, uma possível compreensão do porquê lancei-me nesses voos e sobrevoos da minha pesquisa.

Sou professora de português, ou seja, um “Dr. Praxedes” que atua com turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Sujeito, “especialista em surdificação” que, pelas tradições histórico-disciplinarmente constituídas, assume um lugar que tem por função “mostrar a luz” na escuridão da decodificação linguística, alguém que solucionará “dentro de seis meses” as barulheiras, os ruídos na linguagem, visto que, de onde falo, minha profissão, especificamente, na minha área de atuação, o normativo é que eu apresente a figura do prédio, uma metáfora à linguagem, como forma de aprendizagem da disciplina de língua portuguesa.

A figura de linguagem mencionada acima é um modo visual hipotético que criei para elucidar como se constitui, algumas vezes, minha prática, pois quando penso em um prédio, uma construção vem à mente, as paredes erguidas e pintadas, janelas postas, um edifício pronto para morar. Não se considera, à primeira vista, o que há por dentro de determinada estrutura, apenas presume-se o que a compõe e sustenta, enfim, tradicionalmente, o

ensino da linguagem funciona como uma unidade, um “estrato”² entre outros no universo do conhecimento científico moderno, cabendo aos “Drs. Praxedes” dessa área ensinarem a estrutura da língua portuguesa que, na minha visão, refere-se a repetir a fiação do prédio, a qual não é visível, mas aparentemente é segura, sólida e enraizada, porque prende, amarra a língua para que esta não voe, caia, fique solta, exponha-se ao proibido, colocando-a, assim, na ordem, no alinhamento da gramática normativa, no lugar de aceitação e normalidade.

Mas, “não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p. 12), no entanto, os estudos das filosofias de Foucault, Deleuze e todos os demais pós-modernos, possibilitam olhar para o ensino da língua portuguesa como literatura, ou seja, como criação, “linhas de fuga”, um “voo do passarinho” em meio a uma forte tradição moderna, desprendendo o ensino das linguagens às vivências, as quais provocam nossas fronteiras epistêmicas, afetivas, através da leitura, esta, compreendida como uma potência à produção de conhecimentos e subjetivações, com encontros marcados pelo afeto, como “cuidado de si” (FOUCAULT, 1985), como relações estéticas múltiplas, como singulares existências.

Não há literatura sem fabulação, mas como Bergson soube vê-lo, a fabulação, a função fabuladora não consiste em imaginar nem projetar um eu. Ela atinge sobretudo essas visões, eleva-se até esses devires ou potências. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13)

“Literaturar-se”, então, não é ser o “Dr. Praxedes”, o especialista em silenciar os barulhos da vida, a figura que ensurdecerá as movimentações dos voos e sobrevoos, quem se apegará ao seguro, sólido e compacto; mas, sim, é um existir como um “corpo sem órgãos”, como algo “que não para de desfazer o organismo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.18), que não necessita ver ordenamento em absolutamente tudo que vê, ouve, cheira, degusta, toca, visto compreender que “a linguagem é um mapa e não um decalque”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 14)

² Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído e linhas de fuga.

A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro [...], mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irresponsáveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 14)

“Existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 13), assim é a literatura na linguagem: multiplicidades, possibilidades, potência e não decodificação, aquilo que “tornam estéril o lirismo das frases” (FOUCAULT, 1999, p. 6). Literatura é cura, pois “a saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 14), compete criar possibilidades, voos.

A literatura é delírio e, a esse título, seu destino se decide entre dois pólos de delírio. O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não pára de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 15)

Foucault (1999), em “As palavras e as coisas”, fala da experiência como “alguma coisa que se fabrica para si mesmo, que não existe antes e que poderá existir depois” (FOUCAULT, 2010b, p. 289-290). Logo, percebo possibilidades na literatura, um campo fértil para deslocamentos, desacomodações; desterritorialização do pensamento como unidade e produção de singularidades no pensar. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

“As palavras não são ferramentas; mas damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 12). Por quê? Não que a partir de agora tudo que se ensina nas aulas de português tenha que ser zerado. Não! Longe disso! O ensino da linguagem entrelaçado com a literatura proporciona outras aprendizagens. É “antes o que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1997 p. 25); linha de fuga; rizoma; é o fluído em meio ao regramento solidificado do tradicional. É olhar para as brechas, para aquilo

que de forma livre ganha os céus e nos possibilita alçar voos quando experimentamos não apenas e de forma descontextualizada ensinar a língua, mas multiplicar as formas de aprender a escrever, dizer, pensar e sentir, jogando com as palavras, fazendo delas forças para imaginar, inventar outros olhares. É “fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por esse povo que falta”... (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.15)

4 SOBRE O VOO DO PASSARINHO

Minha escolha por trabalhar as histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo e não outras, dá-se por perceber que são jovens de voos a frente do seu tempo, que incomodavam e incomodam o tradicional com suas existências, dos lugares que falam e ocupam em uma sociedade ainda masculina, hétero, branca e rica, mesmo que uma delas, a Anne, tenha existido na região europeia, sua singularidade naquele momento, naquele lugar não era de um favorecimento social, pois ela era judia em pleno contexto nazista.

A partir disso, dá-se, então, o movimento da repetição, o qual “diz respeito a uma singularidade não permutável, insubstituível (DELEUZE, 2000, p. 2), ou seja, uma diferença pura, realizada sem preocupar-se com o que é feito; uma diferença em si mesma, e as histórias dessas meninas-mulheres têm essa diferença, essa singularidade. Observemos isso:

Malala, menina muçulmana que viu nascer e viveu sob a crueldade do regime talibã. Inconformada com tal situação de opressão, por encorajamento também de seu pai, foi à luta pelo direito a educação das meninas do Paquistão, porta-voz das atrocidades lá vividas. Levou um tiro na cabeça para calar-se e se amedrontar, mas, como uma pequena grande heroína, levantou-se mais forte e, aos dezesseis anos de idade, ganhou o Prêmio Nobel da Paz no ano de 2014. Esta é Malala, menina que hoje mora na Inglaterra, a frente da Fundação Malala, a qual luta pela educação das meninas mundo a fora. (YOUSAFZAI; LAMB, 2013)

Anne Frank, menina judia de origem alemã que viveu na época do holocausto. Esta se escondeu dos nazistas por dois anos no sótão de um sobrado juntamente com sua família e, durante todo esse tempo, escreveu um diário sobre tudo que lhe acontecia. Descoberto o esconderijo, a menina e as pessoas que estavam com ela, foram levadas para os campos de concentração e seus escritos guardados. Após certeza da morte da menina, entregaram todos os papéis ao pai da jovem, Otto Frank, o qual realizou, mais tarde, o desejo da filha; a publicação do livro com as memórias da adolescente. Esta é Anne Frank, a menina revoltada, questionadora, apaixonada que se tornou pública após sua morte. (FRANK, 2010)

Frida Kahlo, jovem mexicana que teve uma vida repleta de percalços. Um dos mais marcantes fora quando tinha dezoito anos de idade, a mesma viajava com seu noivo e sofreram um grave acidente; uma barra de ferro literalmente atravessou a jovem ao meio, atingindo sua coluna vertebral. Esta ficou vários meses acamada em recuperação e foi neste período que nasceu a pintora, a artista plástica que mais tarde tornou-se, por incentivo de seu pai, o qual adaptou um espaço no teto do quarto da jovem para que a mesma pudesse desenvolver sua arte. Ela pintava-se a si própria, pois este era o assunto que ela mais conhecia. Toda essa produção de autorretratos foi posteriormente o que constituiu grande parte de seu acervo. Após sua recuperação, conhece, casa-se com Diego Rivera e dá-se início a um dos mais amorosos e turbulentos romances da arte. Enfim, movida por uma grande paixão, a vida dessa jovem mescla-se entre o amor e a arte, vivendo momentos de grandes sofrimentos e outros tantos prazeres. Também foi muito reconhecida e premiada pelo seu trabalho artístico. Esta é Frida Kahlo, a jovem que experienciou a paixão, a entrega, a arte, o sofrimento, as traições do amor. (HERRERA, 2011)

E, diante de tão altos voos, por que pousei na Casa da Menina?

Porque compreendo que as meninas que transitam pela casa vivem histórias tão potentes quanto as que trago à baila acima, as quais possibilitaram vivências sacudidas de vida; experimentações estéticas que criaram perceptos e afectos, sensações, imaginações, desejos, alegrias; fabricaram modos de subjetivação singulares no momento presente em que essas experimentações foram vivenciadas, momentos estes vividos sem a pretensão de traçar novos “destinos”, mas simplesmente mapeados para alçarmos voos nas existências ali presentes, estas tão singulares; tudo isso acontecendo em intensos pousos.

A meu ver, as singularidades de Malala, Anne e Frida mostram-se como devires, diferenças puras³, pois não estabelecem intenções fixas nos seus “voos e pousos”, elas apenas, como as meninas da Casa da Menina, querem viver, existir, serem únicas dos lugares de onde falam. Desse modo, entendo que suas experiências de vida retratadas na literatura permitem refletir sobre as posições destas enquanto sujeitos de resistências às posições fixas e binárias do que é ser mulher ou ser homem e o que é próprio de cada um, do que é o certo ou o errado, do que pode ou não pode em uma dada cultura.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2008, p.56)

E é nessa fronteira que estabeleço meu território, meu discurso e não de uma posição confortável, observadora, amável aos olhos dos bem-feitores e caridosos, os quais enxergam as mulheres deste escrito como coitadas, sofredoras, inocentes e até loucas; percepções estas calcadas numa visão binária da vida de que quem não está do “lado de cá” está do “lado de lá” e fim. Por isso, meu objetivo aqui não é discutir correntes que dividem e/ou categorizam pensamentos, concepções, mas refletir justamente sobre tal segmentaridade. Por que e para que selecionar? Por que e para que definir, tornar exato e ter que escolher “ser isto ou aquilo”? A proposta da minha pesquisa foi olhar para as linhas de fuga que extrapolam essa ordem ainda dita como natural. O que move mulheres como Malala, Anne, Frida, as meninas da Casa da Menina a voarem por outras paisagens, enxergarem o belo onde outros vêem tristeza, terem potência nas suas existências onde outros acreditam ser abandono, “faltas”, sofrimento? Com o que me importo afinal?

³ “Com efeito, na medida em que a repetição interior se projeta através de uma repetição nua que a recobre, as diferenças que ela compreende aparecem como fatores que se opõem à repetição, que a atenuam e a fazem variar segundo leis “gerais”. Mas, sob o trabalho das leis, subsiste sempre o jogo das singularidades.” (GALLO, 2017, p. 44)

Não com os outros, mas com o modo como eu as enxergo, devires-mulher que constituem existências singulares, seus voos e pousos.

5 O MAPA DOS VOOS

O HOMEM QUE NÃO SUPOORTAVA CERIMONIAIS

-De repente, ele não pôde mais e rebentou de riso em pela missa de corpo presente.

- Ele quem?

- Ora, o defunto...

(Mario Quintana)

A cartografia é, diante das muitas possibilidades de produzir pesquisa, àquela que transgride a ordem, que é acêntrica, não busca exatidão, não observa, não sobrevoa, pelo contrário, experimenta e mergulha na experiência, ressignifica o rigor científico a partir dos movimentos da vida, enfim, é o defunto que ri no seu próprio velório porque não suporta institucionalidades.

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. (PASSOS; BARROS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 17)

Cartografar, portanto, é um “método de pesquisa-intervenção”, mas que não se faz de forma prescritiva, permeado por normas fixas, objetivos pré-concebidos como respostas, como um lugar certo de onde chegar ou com pretensão a isso, muito menos carrega intenções de transformação da realidade. Intervir não é transformar, é desterritorializar, é movimentar-se através da “repetição”, não do mesmo, mas da “diferença” (DELEUZE, 1988, p. 11).

Por isso, não há separação “entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir”, mas “o primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, [...] eis o caminho metodológico” (PASSOS; BARROS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 17-18).

Tal método é instigante, também desafiador, por não ater-se a possíveis finais, mas por permitir-se experimentar o processo, o mapa, o rizoma. “[...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano de experiência.

(PASSOS; BARROS, 2009 *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 17-18).

É a partir do traçado do plano de experiência que se constitui a cartografia e não do sobrevoo, da observação; é do conhecer, do “fazer, criar uma realidade de si e do mundo” (PASSOS; BARROS, 2009 p. 30), é acompanhar processos, é caminhar com, é constituir e constituir-se o e no caminho. Isto é intervenção, isso é cartografar!

A partir dos entendimentos acima trazidos, mergulhada nisso tudo estou eu, uma cartógrafa, a qual se ocupou em acompanhar e não a representar processos; tive como objetivo não coletar dados, “mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa”; a qual demanda uma atenção

[..] que não é simples seleção de informações. Seu funcionamento não se identifica a atos de focalização para preparar a representação das formas de objetos, mas se faz através da detecção de signos e forças circulares, ou seja, de pontas do processo em curso (KASTRUP, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 32)

O trabalho do cartógrafo, sua atenção, seu fluxo de pensamento, compara-se ao voo de um pássaro, o qual “desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar. Vôos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo”. (KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 34)

Tal metáfora ajuda-nos a compreender os deslocamentos a serem realizados por mim como pesquisadora, pois tomo como “ponto de partida a idéia de concentração sem focalização” (KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.40) para desenvolver o “rastreo”, ou seja, dedico-me a “acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo” (KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 40) e não apenas a busca por informações; o “toque, [...] quando a subjetividade do cartógrafo é afetada pelo mundo em sua dimensão de matéria-força e não na dimensão matéria-forma” (KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.42); o “pouso, o qual indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom” onde “[...] um novo território se forma e o campo de observação se reconfigura” (KASTRUP *In*:

PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 43); e, por último, o “reconhecimento atento”, este “tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares”, “produzir conhecimento ao longo de uma percurso de pesquisa, o que envolve a atenção e, com ela, a própria criação do território de observação”. (KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 45)

Enfim, como cartógrafos “nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos” (BARROS; KASTRUP, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 61) e nos dispomos a experienciá-lo entre voos e pousos em meio aos seus múltiplos acontecimentos.

[...] Território não é um meio, nem mesmo um meio a mais, nem um ritmo ou passagem entre meios. O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os “territorializa”. O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. [...] Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 121)

É por isso que “a cartografia pressupõe habitar um território” (ALVAREZ; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 147), porque não há espaço definido, medido, “[...] é preciso um processo de aprendizado, entendido mais como experiência de engajamento do que como etapas prescritíveis de uma metodologia de pesquisa” (ALVAREZ; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 147). Tal envolvimento dá-se a partir da sua realização propriamente dita, sem condições estabelecidas *a priori*.

Não se habita um território de maneira esquemática, enrijecida, distante, mas “[...] o aprendiz-cartógrafo vai percebendo que não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações”. (ALVAREZ; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 147)

Portanto, é nesse contexto que habito o território da Casa da Menina, situado na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, um espaço de acolhida a menores do sexo feminino que estão em situação de vulnerabilidade social. Geralmente, seus pais estão envolvidos com uso e/ou tráfico de drogas ilícitas,

ingestão excessiva de bebidas alcoólicas e, curiosamente, as meninas que por lá passam, não habitam tal lugar pela primeira vez. Há na referida instituição crianças recém-nascidas, de alguns meses, até os 17 anos, pois quando elas completam a maioridade, esta agenciada pela norma da legalidade jurídica, precisam deixar de habitar esse território, visto que já não estão mais sob a tutela legal do Estado, estando, então, agora, sob tutela própria.

Entre voos e pousos, mergulhei nessa experiência, compreendendo que em seus movimentos não haveria uma generalidade dos problemas das meninas da casa, mas que cada uma delas teria sua narrativa da vida, até porque é “no singular que aprendemos” (ALVAREZ; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 148) e constituímos as linhas de fuga do rizoma.

A pesquisa-intervenção requer, por isso mesmo, uma política da narratividade. Aqui o modo de dizer e o modo de registrar a experiência se expressam em um tipo de textualidade que comumente é designado como diário de campo [...]. (BARROS; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 173)

Por isso, como passo importante da cartografia dos mapas, fiz uso do diário de campo para registro dos fluxos, estratos, movimentações da rede que se estabeleceu a cada encontro, porque compreendo que “[...] o trabalho da pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar” (BARROS; PASSOS, *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.172), visto que os momentos experienciados juntos às meninas foram realizados através de oficinas de literatura - esta considerada, por mim, como a linha de fuga da linguagem.

5.1 Entre voos e pousos; os encontros

As oficinas literárias constituíram-se em territórios abertos à participação das meninas que estavam presentes na Casa, ou seja, envolveu-se nas atividades quem naquele momento estava disposta a também mergulhar no emaranhado de possibilidades ocasionadas pelos livros, histórias trazidas à baila no tempo-espço que experimentamos ali.

As oficinas ocorreram em diferentes lugares da Casa, onde as meninas queriam estar naquele tempo, para que fosse desenvolvido o trabalho. O que me encantou nesse mergulho, “o toque” da metodologia cartográfica, é ter sido recebida por elas com abraços e manifestações de desejo em participar das atividades que propus.

No primeiro encontro conversamos e vivenciamos contação de histórias em que participaram duas meninas. Antes de tudo, falamos nossos nomes, conversamos sobre onde estudavam, o que faziam, o que mais gostavam na escola ou se não gostavam também. Uma das meninas, que tem 15 anos (S), retornou à casa fazia uma semana e não estava estudando ainda, parou no 7º ano. Das poucas palavras que trocou, disse apenas que estudava na escola pública de tempo integral, na cidade de Bagé, e que tem uma irmã de 14 anos.

Após este momento, desenvolvi a atividade, contando a história do livro, depois, propus uma atividade prática, lúdica a partir do tema da literatura experienciada.

No livro “Malala e seu lápis mágico”, a menina sonhava em ter um lápis que quando ela desenhasse pudesse transformar as realidades sofridas vistas por ela em seu país de origem; o Paquistão. Usei alguns vídeos no celular que mostravam a Malala real a elas para tivessem um primeiro contato com a menina do livro.

Elas gostaram da história, interagiram, ficaram surpresas com o ocorrido à paquistanesa. Uma das meninas da casa, a de 10 anos (ME), foi a que mais ficou surpresa com a história, manuseou o livro, fez contribuições. Enfim, o encontro foi um pouco tímido, teve uma duração de quase uma hora, mas obtive a aprovação das duas meninas para voltar na próxima quarta (02/05).

Quero estabelecer esse combinado com elas de poder voltar se elas quiserem. Acho pertinente!

Quando saí da sala e me dirigi à secretaria, mostrei o livro à funcionária da casa, a qual fez elogios ao material, porém o interessante disso tudo é que “ME” relatou a história para a funcionária, de forma sucinta, mas falou sobre a Malala e sabia o que estava dizendo.

Não havia entrado naquele lugar com algo fixo, posto, acabado, prestes a ser executado, mas através do interesse das meninas, fui desenvolvendo a contação da história e, conforme sua atenção permanecia comigo, continuava a contar e conversar sobre a vida da menina do Paquistão.

Creio que vivemos uma bonita experiência, nos desprendemos de um território através das linhas de fuga lançadas por nós mesmas e alçamos voo para outras experiências ainda mais surpreendentes de nós mesmas.

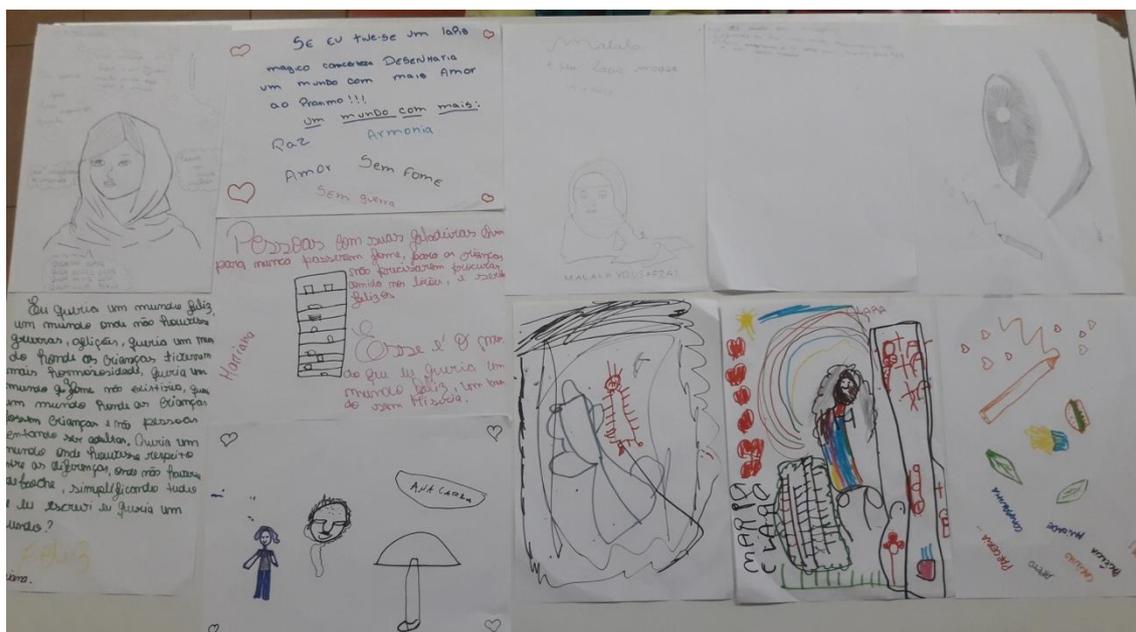
No segundo encontro, seis meninas participaram das atividades durante o tempo que lá estive. Nesse retorno à casa, fui surpreendida por uma calorosa acolhida das meninas, havia mais pessoas chegadas recentemente ao local. Fui abraçada e levada por elas à sala de estudos, nos sentamos em torno da mesa e apresentei novamente do livro da Malala, mas desta vez quem contou a história foram duas meninas e de forma voluntária. Elas leram o livro às demais e conversaram sobre a figura da Malala.

Uma delas estava empolgada com a história, pois já havia ouvido na semana passada, a outra também se emocionou, fez uma leitura bem entonada, fez ainda relações com algo lido na escola e semelhante à história contada ali. As demais meninas ouviram atenciosamente e foi um pouso rico de significados.

Após esse momento, propus que escolhessem canetas coloridas e folhas em branco para, como Malala, pegar o lápis mágico e desenhar o que poderia ser feito se possuíssem tal objeto (lápis mágico). As meninas dedicaram-se a desenhar e em seguida explicaram seus traços. Ao final de tudo, perguntei a elas se eu poderia voltar na próxima semana e elas me disseram que sim e que se eu quisesse poderia voltar mais vezes. Disseram-me também que queriam que eu morasse lá com elas. Foi tocante e intenso!

Na saída, levaram-me até a porta, abraçaram-me, não queriam que eu partisse, tocaram um piano de brinquedo, brincaram com seus outros brinquedos enquanto conversávamos e juntas íamos para a porta de saída.

Figura 01: desenhos e textos produzidos pelas meninas



Fonte: Autora (2018)

Na imagem acima⁴, há muitos desenhos, textos com desejos de mais amor ao próximo, pedidos de geladeiras cheias de comida, mundo sem miséria e muitos outros traços lúdicos, tudo realizado pelas próprias meninas no momento de criação com seus lápis mágicos.

No terceiro encontro, as participações oscilaram entre cinco, quatro e três meninas, destas, três permaneceram todo o tempo. Nesse dia, retornei com a proposta de trabalhar a contação da história da casa da menina contada pelas próprias meninas. Foi muito rico, pois a dinâmica se deu com a narrativa da história a partir das peças da casa, as quais foram escolhidas pelas gurias.

Em cada lugar que chegávamos, elas deveriam começar contando desde a primeira sala e íamos juntando o que cada menina ia contando sobre as peças, impressões da casa, funções dos lugares. Ressalto que tudo foi

⁴ As fotos estão de forma individual no Anexo p. 48 deste trabalho.

escolhido por elas, o lugar, o que contar, enfim, fomos traçando caminhos pela casa a partir da visão das próprias moradoras.

Ouvi tanta coisa bonita sobre a funcionalidade de determinadas peças, por exemplo, a sala de “matar a saudade” é a descrição dada por elas à sala de visitas, onde elas recebem seus familiares; o “lugar da bagunça” é o quarto. E realmente, naquele lugar, elas sentiram-se à vontade e até brincaram um pouco com balões que ganhavam à medida que narravam os lugares da casa.

Andamos por quase todos os ambientes da residência e a cada chegada elas recomeçavam a história desde o princípio e adicionavam, ao final, a narração do ambiente em que estávamos.

Terminada a narrativa, retornamos para a sala de estudos, que fora a primeira da brincadeira, e escrevemos toda a nossa história no papel. Uma das meninas ia lembrando os fatos e quem quisesse poderia escrevê-los. Então entreguei uma folha para quem queria fazer o registro e começamos a contar e escrever o que vivemos juntas. Foi nossa primeira produção conjunta!

Eis a narrativa que construímos juntas⁵:

“Era uma vez, uma sala de estudos onde as meninas gostavam de pintar com a Tia Quintana e quando ela foi embora tudo ficou muito triste. A sala da psicóloga é onde elas nos ajudam a nos aliviar. Logo à frente, tem um pátio onde as meninas gostavam de brincar de vai e vem. E lá, tinha uma casinha muito importante. Depois, tinha o banheiro das psicólogas onde elas faziam o número 1, número 2, lavavam as mãos e cuidavam da higiene. No dormitório, as meninas dormiam e faziam bagunça. Já no refeitório tinha o lanche e a comida era muito boa. No berçário, uma delas [falam o nome da menina] e os bebês dormiam e no corredor a [nome] tinha medo de passar à noite. A sala da coordenação era o lugar onde as meninas iam conversar quando aprontavam e também para pedir roupa e sapatos no inverno. A sala de visita é onde os amigos e familiares nos visitam para matar a saudade, na sala de estar a gente deitava, dormia e olhava televisão e, na sala de estudos, voltamos para terminar e escrever a história.”

⁵ A partir dos relatos das meninas, fui registrando essa narrativa.

A narrativa acima foi construída de forma oral por elas mesmas, interessante é perceber que elas distanciam-se e colocam-se no enredo, dependendo do lugar onde estão, como se estivessem assistindo a um grupo de meninas. Outro dado, é que seus verbos são conjugados no passado e o porquê disso não sei, mas a ideia nesse trabalho não é produzir por meio desse dado tecnicista e sim mergulhar nos territórios existenciais, multiplicando existências singulares a partir das experimentações estéticas, do belo ativado pelas histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo.

Por último, a menina que narrou a história para escrevermos disse que quer ser escritora, então eu propus a ela escrever sua história e ela topou. Pediu-me o livro da Malala emprestado e que na próxima semana entregaria o mesmo e a história da sua vida, escrita por ela mesma. Essa menina apenas repetia que sua narrativa pessoal é muito triste.

No quarto encontro, fiquei lá pouco tempo, só havia uma menina, pois as demais tinham ido levar as pequenas ao colégio. Nesse dia, não pude ficar à tarde, pois eu havia agendado um compromisso de trabalho bem na hora. Mas, mesmo assim, passei lá antes de ir para o colégio. Tinha apenas uma menina na casa, a “S”, a mesma ficou comigo enquanto as demais voltavam da ida à escola.

Sentamos no brinquedo da pracinha e começamos a conversar. Então ela me contou que havia fugido da escola para visitar seu namorado na prisão, pois o mesmo tinha sido preso há algumas semanas. Situação ocorrida no meu terceiro dia na casa. “S” me disse ter avisado que voltaria para casa somente depois da soltura do rapaz da prisão e enfatizou ainda que ela mesma voltou para a instituição, ninguém fora buscá-la.

Perguntei se fazia muito tempo que estavam juntos e ela respondeu que já fazia uns quatro anos de relacionamento. Eles têm uma diferença de idade, ele com 19 e ela com 15, portanto se conheceram quando ele tinha 15 e ela 11. Completou a história dizendo que “nós levamos o dinheiro para ele na cadeia”, mas quem é o “nós”, não sei responder.

Depois ainda, conversamos ainda sobre o pátio da casa que elas já tinham espiado para o terreno do vizinho, tinham visto cobra por ali e relatou também que quando estavam de limpeza na casa, “S” queria arrumar um

quartinho que fica no fundo da casa para morar ali. Enfim, foi uma experiência e tanto. Alcei voo novamente e fui para o trabalho.

Quinto encontro, dessa vez, tinham seis meninas. Fui recebida pelas gurias no pátio, elas estavam embaixo da árvore conversando. Aproximei-me, sentei no solzinho com elas e começamos a conversar. Expliquei a todas que eu havia trazido uma história nova, de outra menina, que também falava da vida real, ou seja, queria destacar que não era invenção.

Todas embaixo da árvore. Comecei a contação da vida de Anne Frank de forma resumida, não me apegando a detalhes do livro para não as cansar, apenas ia mostrando algumas figuras no livro para ilustrar a minha fala.

Elas, ansiosas por saberem a vida de Anne, faziam-me perguntas para que eu antecipasse o fim da história. Estavam empolgadas! Muito legal! O mais interessante é que enquanto eu contava a história, mais elas se envolviam, seus olhos não saíam dos meus, nem do movimento da minha boca ao pronunciar a narrativa. Foi encantador!

Faziam comentários sobre a história ser triste, ficaram chocadas por saberem de Hitler e sua demência pela raça pura. Logo após, entreguei a cada uma um caderno e um lápis. O primeiro fazendo referência ao Diário de Anne Frank e o segundo ao lápis mágico da Malala, pois o objetivo do material era exatamente esse, atento que não enfeitei os cadernos, apenas escolhi capas com desenhos de meninas que jogassem bola, plantassem árvores, dançassem, enfim, diversas situações em que as meninas faziam muitas coisas. Pedi a elas que, se quisessem, enfeitassem, colorissem, conforme seus gostos, jeitos, singularidades.

Ambas, Malala e Anne, são criativas, inventam coisas e os diários das meninas da casa da menina seriam espaços para suas criações, histórias, desabafos, enfim, para o que quisessem. O combinado foi apenas que me mostrassem se sentissem necessidade.

Ao final daquela deliciosa tarde, abracei a todas e uma delas pediu-me que não terminasse o projeto depois da terceira personagem a ser apresentada, mas que eu ficasse lá com elas, porque não há o que fazer às tardes. Disseram-me “até quarta”, felizes! Foi maravilhoso!

Sexto encontro na Casa da Menina, duas participantes, as pequenininhas oscilavam, na participação, saindo e entrando na sala. Nesse dia, fui com a ideia de conversar com as meninas sobre o que haviam escrito nos seus diários, mas ainda não tinham colocado nada. Em compensação, comecei a conversar sobre o livro da Anne Frank com uma das meninas que não tinha escutado ainda. Mas ela não estava muito disposta a ouvir. Colocou sua cabeça no meu ombro e percebi que queria mais atenção, carinho do que contação de histórias.

Ficamos, “M” e eu, conversando apenas, de tudo um pouco, depois chegou outra, maior, e a conversa se desenrolou até às 16h, meu horário limite na casa. Nessa conversa, muito elas me contaram sobre suas vidas, pais envolvidos com drogas, traficantes, usuários, recorrência delas às casas de abrigo para menores, ou seja, a casa da menina não é a primeira na vida delas. A menina maior, contou-me que já havia sido expulsa do colégio por bater na professora, na verdade, ela reagiu a muitas provocações de um colega e acabou atingindo a docente.

O que mais me encantou foi a coragem das meninas de compartilharem comigo suas histórias, mesmo que tristes, pois senti o quanto estavam à vontade comigo e que esperavam de mim era apenas uma atitude de escuta sensível, sem julgamentos ou conselhos do que deveriam fazer. Até porque eu não estava ali para isso.

Sétimo encontro, quatro participantes. Desenvolvi um trabalho lúdico com as meninas. Levei capas coloridas e nos vestimos, também levei alguns livros para que elas escolhessem o que queriam ler ou até mesmo ficar para lerem em casa.

Sentadas sobre almofadas no tapete da sala de TV, ficamos conversando sobre livros, lendo e escolhendo títulos. Interessante foi que chegou uma menina e perguntou se poderia participar e eu disse sim e então ela fez menção às capas dizendo “mas não precisa usar isso?”. Entreguei uma a ela e a mesma foi buscar sua literatura em meio aos livros que já haviam na casa, estes de montagem, castelos, enfim, mais infantis, pois ela é uma criança ainda.

Logo após, “M”, esta sempre fica comigo até o final todos os dias, disse que havia escrito em seu diário e queria ler. Ela leu coisas de seus amores, saudades, faltas de frequentar sua igreja. Foi tão bonito! Ela lia para mim, ria quando o assunto era engraçado, ficava séria quando eram assuntos das suas saudades, enfim, um misto de emoções. Essa menina é tão especial, sonha em ser escritora, expressa-se muito bem, é tão inteligente e tem um cuidado enorme com sua irmã mais nova de 4 anos. Bem, nesse dia foi isso. Elas ficaram com vários livros meus para lerem, pois eu havia prometido que levaria.

No oitavo encontro, tinham cinco meninas, entre elas umas quantas novas na casa. Pousei no local com uma sacola cheia de panos coloridos, um espelho de quase 1m 70cm e o livro da Frida Kahlo.

Sempre quando chegava, era recebida com muitos abraços e isso era tão bom! Entreguei a elas os panos e disse que era para montarem um espaço do jeito delas, como quisessem. E assim o fizeram, após os panos, colocamos o espelho deitado de forma que elas se enxergassem. Sentamos em meio ao ambiente colorido montado no pátio da casa e comecei a contar a história da Frida a elas, enfatizando que a mesma pintou-se, por muitos anos, diante do espelho em função do acidente que havia acontecido na sua adolescência.

Figura 02: ambiente criado pelas meninas



Fonte: Autora (2018)

Após a contação, as meninas receberam uma folha, lápis e canetas coloridas para desenharem a si diante do espelho. Foi engraçado, desafiador para elas, nenhuma delas queria fazer qualquer traçado. Ao final, todas desenharam, cada uma a seu modo.

Nesse dia havia duas meninas novas participando e uma delas não parava de falar da sua festa de 15 anos, a qual havia ganhado, que se achava linda e que hoje ela era feliz. Perguntei a ela se era feliz na casa da menina, “ML” respondeu que não, preferia estar em casa. Compreendi que era o lugar da sua família.

Percebi que essas meninas já frequentaram a casa antes ou já se encontraram em outros lugares de acolhimento anteriormente. Recorrentes situações de afastamento das suas famílias, devido a situações de vulnerabilidade (pais ou responsáveis dependentes químicos, presos, criminosos). “M” disse que conhece uma das gurias do tempo que frequentou um abrigo em Candiota. Meninas que apesar do sofrimento, impressionam a qualquer um pela potência em querer viver e desfrutar se seus sonhos.

Quando disse a elas que iria apresentá-las a terceira personagem das histórias que queria contá-las, “M” perguntou-me, com tom de preocupação, se eu iria embora já. Senti o quanto essa menina gostava da minha presença e das horas que passávamos juntas, pois eu havia falado no começo, em abril, que seriam três obras apresentadas a elas e agora estava na última.

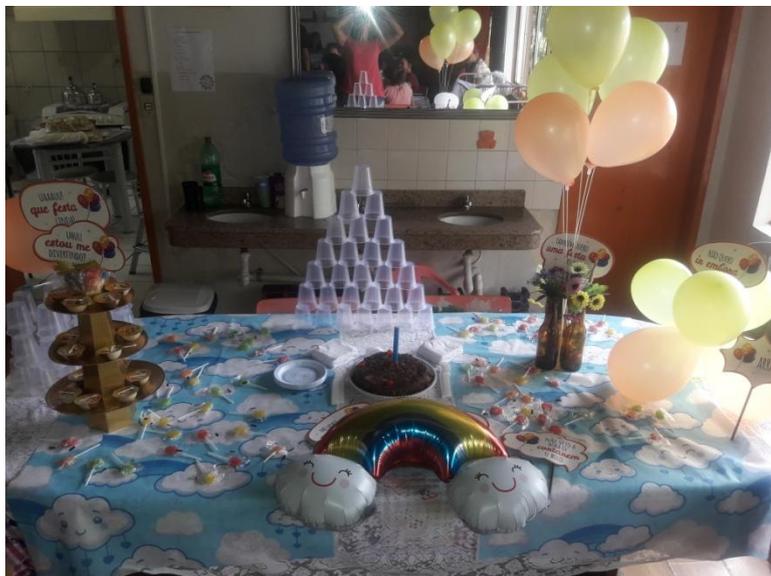
Ao longo dos voos e pousos experienciados na Casa da Menina, muitas foram as vezes em que as próprias meninas recontavam as histórias com as suas palavras, associavam com outros livros já lidos, lembravam de terem ouvido algo sobre uma das obras e também não se conformavam que, entre as três figuras femininas lidas, apenas uma ainda está viva; Malala.

No final do ano (dezembro de 2018), reuni-me com as meninas que estavam na Casa da Menina para prepararmos meu aniversário, o qual ocorre em 9 de janeiro e que há quatro anos comemoro com elas. O diferente dessa vez, com elas, é que não idealizei o que elas gostariam de ter em uma festa de aniversário, mas o que elas realmente queriam. Pode-se imaginar agora o que elas pediram, o que planejaram, desde pula-pula até o recheio do bolo, passando por docinhos e salgadinhos. Deixei que dissessem tudo que queriam

e sonhavam para que depois eu pudesse ver o que daria para ser concretizado.

No dia 09 de janeiro, cheguei à casa e fui arrumar a mesa, as comidas e pedi que as meninas me ajudassem, a final, a festa era delas. Montaram a mesa de doces, cantaram “parabéns a você”, brincamos, junto com alguns amigos e família que foram para me ajudar, de tatuar os braços e foi uma tarde chuvosa de verão muito agradável. Destaco a chuva porque essa me impediu de levar o brinquedo pula-pula, pois o mesmo ficaria no pátio da residência.

Figura 03: a mesa da festa de aniversário



Fonte: Autora (2019)

Figura 04 e 05: As tatuagens



Fonte: Autora (2019)

Se segui lá depois dessas vivências?

Segui, sim! Meus pousos e toques foram tão intensos, únicos que o afastamento para amadurecer minhas idéias sobre o que eu havia vivido com as meninas e os rizomas constituídos e em movimento naquele lugar estavam tão latentes em nós, que fiquei por mais tempo do que o previsto pelo meu mapeamento, pois elas mesmas pediram-me para não terminar os encontros.

6 O BELO NO ALÇAR VOO

DO GIGANTISMO

*Olha o que aconteceu com os Grandes Impérios!
Por eles se vê que a mania de grandeza é sempre fatal.
E espia só os iguanodontes, esses pesadelos ridículos...
Se fossem do tamanho de lagartixas, existiriam até hoje.*

(Mario Quintana)

Nas sociedades ocidentais marcadas pela ordem capitalista e pela moral cristã segmentam-se binariamente os indivíduos em melhores ou piores, os mais fortes e os mais fracos, entre iguanodontes e lagartixas, enfim, uma odisseia seletiva em busca do poder, seja este na escala que for, de modo a (tentar) imprimir uma (quase) superiorização⁶ do ser humano em relação a ele mesmo e aos outros seres.

E é, dentre muitos conceitos construídos ao longo dessa história, do que “é certo ou errado”, do que “pode ou não pode”, do que “é aceito ou não” por um determinado grupo, que o pensamento forjado pela Filosofia da Diferença cria o conceito de devir como uma arte da existência que rompe com as estruturas binárias e contrapostas, com as essências e as representações que nomeiam e classificam os seres num jogo de semelhanças, imitações e identificações evolutivas, pois o devir funciona como plano de imanência, como potencial de vidas que se fazem nas experimentações e principalmente o “devir não se faz na imaginação, [...] não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.18-19.)

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica [...] não existem pontos ou posições [...] existem somente linhas [...] distingue-se absolutamente das raízes e radículas, [...] tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. faz bulbo [...] evolui por hastes e fluxos subterrâneos, [...] analisa a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 20)

Entendo assim que o devir não se reduz a imitar, identificar, nem produzir filiação, não conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem

⁶ Esta palavra consta no Vocabulo Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

“produzir”, é viver de modo autêntico, único, é voar, desprender-se. Logo, há que se pensar a vida afastada da idéia de perfeição, sem começo e fim, mas como meio, a exemplo de um rizoma, pois a existência não é binária, não é imóvel, pelo contrário, ela está em constante e ininterrupto movimento.

Embebida de Deleuze e Guattari (2011) em uma afronta à sede caótica pelo controle da língua e da vida, vejo a literatura como linha de fuga pelo belo na sua ação criadora, transgressora da leitura de mundo, o qual gira, para alguns, numa lógica moderna e arborescente.

Nas oficinas literárias desenvolvidas na Casa da Menina, as histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo, tornaram-se dispositivos para pensarmos em vidas que se fazem como possibilidades de potência, de força, de afecto nas suas próprias existências rizomáticas, ramificadas em meio às multiplicidades. Com as meninas, vivi leituras produtoras de singularidades transgressoras do padrão cultural-social heteronormativo e excludente que destrói qualquer plano de imanência no governo da própria vida.

Malala, Anne Frank e Frida Kahlo são devires, cada uma, porque não são “entidades molares” [...], ou seja, não são mulheres [...] “enquanto tomada numa máquina dual que opõe ao homem [...] ora, o devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 71), elas, as três, em seus territórios são devires-mulher, tornam-se e não por oposição ao masculino, “mas por uma relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 72)

Conforme Deleuze e Guattari (2012, p. 41), [...] “cada indivíduo é uma multiplicidade infinita” [...], onde [...] “as coisas distinguem senão pela velocidade e a lentidão” e assim dão-se as vidas dessas três jovens-mulheres, cada uma é uma multiplicidade sem fim, “seres em fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 64), seus “planos de imanência ou de univocidade, que se impõe à analogia” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 41), não imitam, não reproduzem, mas criam linhas de fuga de suas existências, não se deixando sufocar pela concepção do Uno em seus tempos, e por isso, compreendo-as como mais que devires-mulher, mas como devir-Malala, devir-Anne Frank e

devir-Frida Kahlo, cada uma na singularidade da sua existência, de seus voos e pousos.

Para Deleuze e Guattari (2012, p. 24), elas “são contos, ou narrativas e enunciados de devir” [...], “fazem rizoma em torno das raízes”, não sucumbem a uma sociedade masculina, branca, européia cada uma à sua multiplicidade. Por exemplo, Malala devém-mulher diante do Talibã e suas imposições às meninas paquistanesas; Anne Frank devém-mulher em relação aos conflitos nazistas e, por eles, ter ficado restrita a um sobrado e posterior assassinato nos campos de concentração. Já Frida devém-mulher em relação a sua limitação física, pelo acidente sofrido enquanto jovem, o qual originou o começo de sua arte; também pelas experiências vividas emocional e fisicamente no romance conturbado com Diego Rivera, além de suas múltiplas outras singularidades de amorosas e carnavais.

Enxergo também na Casa da Menina muitos devires-mulher, uma por uma dessas meninas singulares: devir-S, devir-ME, devir-M, devir-ML; seres de potências e resistências afetadas pelo mundo, pela vida, principalmente pelo belo que há nos seus voos cada vez que os alçam; pelo belo nas/das suas existências.

Contudo, não foram em oposição a tais fatos que as figuras femininas deste texto tornaram-se mulheres, mas pelo “contagio”, pelo movimento que “não para de correr num corpo sem órgão” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 73), sem definição estrita do que seriam ou do que poderiam fazer nos agenciamentos, territórios por elas esvaídos em linhas de fuga através de suas escolhas; a vivência das situações, suas quebras e rupturas.

7 VOAR É FINITO?

*Vivemos conjugando o tempo passado (saudade, para os românticos)
e o tempo futuro (esperança para os idealistas).
Uma gangorra, como vês, cheia de altos e baixos- uma gangorra emocional.
Isto acaba fundindo a cuca de poetas e sábios
e maluquecendo de vez o Homo sapiens.
Mais felizes os animais, que, na sua gramática imediata,
apenas lhes sobra um tempo: o presente do indicativo.
E que nem dá tempo para suspiros...*

(Mario Quintana)

É o tempo presente que nos move e, para mim, desacomodou também Malala, Anne Frank, Frida Kahlo e as meninas da Casa da Menina, devires-mulher em voos e pousos constituindo rizomas; incomodadas e afetadas pelos lugares de onde falam; não apreciadoras apenas do “tempo passado dos românticos” ou do “tempo futuro dos idealistas”, mas de um tempo presente que berra, incendeia, agita vida num romper explosivo de linhas de fuga, possibilidades, meios, existências.

Penso nos questionamentos que fiz no início do meu escrito onde proponho analisar os rizomas que movem mulheres como Malala, Anne, Frida, as meninas da Casa da Menina a voarem por outras paisagens, enxergarem o belo onde outros vêem tristeza, terem potência nas suas existências onde outros acreditam ser abandono, “faltas”, sofrimento, e chego a conclusão de que não há conclusão para explicar tais individualidades tão potentes como essas que trouxe à baila nesse escrito, pois como posso eu querer engaiolar os “eu passarinho” dessas belas existências afetadas por estratos de cunho repressor, mas também por deliciosas experiências de vida, e não me refiro a isso que falei como pólos contrários e sim como impulsionadores um do outro.

O voar é finito, portanto?

Não...

...é apenas voar, pousar, mapear multiplicidades de novas linhas e voltar a voar, ganhar os céus e enxergar a vida com seus entraves, repressões, mas não pousar aí; é ver que o belo do voo é poesia e que os que “estão aí atravancando meu caminho” não são meu foco. Importo-me com o “eu passarinho”!

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BARROS, L.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 172-200.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 284p.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, 176p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2ª ed., vol. 01. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011, 127p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2ª ed. vol.02. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011, 128p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2ª ed. vol.04. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012, 195p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 123p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 422p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 264p.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Collège de France (1891-1982). 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a, 704p.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In*: _____. **Repensar a política**. Ditos & Escritos VI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010b, pp.289-347. 390p

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: governo de si e dos outros II**. Tradução: Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, 339p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, 74p.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank: edição integral**. Tradução de Ivanir Alves Calado. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, 352p.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 3ª Ed.; 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, 98p.

GNERRE, Maurízzio. **Linguagem, escrita e poder**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011, 620p.

KASTRUP, V. **A Invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51.

JÚNIOR, José Cretella. **Curso de direito administrativo**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008, p.17-23

PASSOS, E; BARROS, L. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 150-171.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, 207 p.

QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo**. 4ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1983, 102p.

QUINTANA, Mario. **Na volta da esquina**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979, 116p.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs) **Para uma vida não-facista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, 431 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 191p.

YOUSAFZAI, Malala. **Malala e seu lápis mágico**. Tradução: Lígia Azevedo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018, 46 p.

YOUSAFZAI, Malala. LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. Tradução: Caroline Chang, Denise Bottmann, George Schlesinger e Luciano Vieira Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, 342 p.

APÊNCICES

APÊNDICES A



Eu queria um mundo feliz,
um mundo onde não houvesse
guerras, angústias, queria um mun-
do onde as crianças tivessem
mais harmoniosidade, queria um
mundo q' fome não existisse, queria
um mundo onde as crianças
fossem crianças e não pessoas
tentando ser adultos, queria um
mundo onde houvesse respeito
entre as diferenças, onde não houvesse
o defeito, simplificando tudo
que eu escrevi eu queria um
mundo?

Feliz

